



Eixo Temático: Educação, Decolonialidade e Democracia.

**INTERFACES DA CRISE NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E DA
DEMOCRACIA**

**INTERFACES OF THE CRISIS IN CONTEMPORARY EDUCATION AND
DEMOCRACY**

Mário José Puhl¹

RESUMO

O trabalho aborda a crise na educação contemporânea a partir das análises realizadas por Arendt e Nussbaum. Objetiva-se apresentar e caracterizar os aspectos constitutivos da crise na educação, quais os seus desdobramentos para a educação e a formulação de políticas públicas educacionais. Para Arendt, a essência da educação é a natalidade, o fato que os humanos nascem para o mundo. A crise na educação se evidencia quando esta deseja desempenhar um papel na política, na perda da autoridade do professor e no caráter pragmático da educação. Nussbaum, situa a crise da educação pelo seu comprometimento exclusivo com o desenvolvimento econômico de um país, medido pelo Produto Interno Bruto e o reducionismo da formação humana à dimensão econômica, sem considerar as demais dimensões competências. Infere-se que a crise na educação no período contemporâneo situa-se nas proposições pragmáticas e unilaterais, desconsiderando a razoabilidade de uma educação integral da condição humana.

Palavras-chave: Arendt. Humanidades. Nussbaum. Pragmatismo.

ABSTRACT

This work addresses the crisis in contemporary education based on the analyses carried out by Arendt and Nussbaum. The aim is to present and characterize the constitutive aspects of the crisis in education, its implications for education, and the formulation of public educational policies. For Arendt, the essence of education is natality, the fact that humans are born into the world. The crisis in education becomes evident when it seeks to play a role in politics, in the loss of the teacher's authority, and in the pragmatic nature of education. Nussbaum situates the crisis in education as stemming from its exclusive commitment to a country's economic development, measured by Gross Domestic Product, and the reduction of human development to the economic dimension, without considering other dimensions such as competencies. It can be inferred that the crisis in education in the contemporary period lies in pragmatic and

¹Doutor em Educação nas Ciências – UNIJUI. Professor nas Faculdades Integradas Machado de Assis – FEMA, Santa Rosa, RS. Integrante dos grupos de pesquisa: Teorias pedagógicas e dimensões éticas e políticas da educação – PPGE/UNIJUI; Observatório social e ambiental da soja no Conesul, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. mariopuhl@yahoo.com.br



unilateral propositions, disregarding the reasonableness of a comprehensive education of the human condition.

Keywords: Arendt. Humanities. Nussbaum. Pragmatism.

INTRODUÇÃO

A temática da educação configura uma das temáticas de permanentes análises, tematizações e de proposição acerca de organização, pedagogia, conteúdos e de formação inicial e continuada de professores. Abordagens estas permeadas por distintas compreensões de quais são as tarefas fundamentais da escola e da *práxis* pedagógica e de seus possíveis vínculos com a ordem societária.

Dentre os aspectos analisados no mundo da educação situa-se a dimensão de sua crise ou mesmo crises. Na medida em que se reconhece a existência de uma crise na educação há que se debruçar sobre os aspectos constituintes deste fenômeno, elencar as características desta crise, identificar as suas prováveis origens e apresentar os potenciais desdobramentos deste contexto para a educação e o conjunto das sociedades.

O trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro aborda a compreensão da crise na educação, tematizada pela Arendt e o segundo capítulo explicita a crise silenciosa da educação, exposta por Nussbaum.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa e a elaboração textual estão balizadas no método de abordagem fenomenológico, nos métodos de procedimento bibliográfico e histórico, com tratamento qualitativo dos dados, por se tratar de trabalho de natureza básica, com fins explicativos. Toma-se como obras de referência de cada autora analisada, nas quais abordam a temática deste trabalho: Arendt (2013) e Nussbaum (2020; 2019).

1 A CRISE NA EDUCAÇÃO

De acordo com o pensamento de Arendt, a modernidade está acometida por uma crise. Uma crise perceptível em diversas áreas da vida em sociedade, com formas diversas, em distintos lugares e esferas da condição humana. Uma das áreas desta crise societária, às quais



ela dedica sua atenção, é a atinente à educação. Trata-se de uma crise periódica, fato que a tornou um problema político de inegável amplitude.

A crise na educação lhe é afeta pelas suas intrínsecas relações como o mundo comum, suas interfaces com as novas gerações, o ensino, as condições de possibilidade da existência de sociedades republicanas e democráticas. Dada a amplitude da crise na educação, busca-se identificar e elencar, o que caracteriza esta crise; quais são os elementos desta crise; e, sob que condições ela emerge e se instaura.

[...] Quais foram os aspectos do mundo moderno e de sua crise que efetivamente se revelaram na crise educacional, isto é, quais são os motivos reais para que, durante décadas, se pudessem dizer e fazer coisas em contradição tão flagrante com o bom senso? Em segundo lugar, o que podemos aprender dessa crise acerca da educação – não no sentido de que sempre se pode aprender, dos erros, o que não se deve fazer, mas sim refletindo sobre o papel que a educação desempenha em toda civilização, ou seja, sobre a obrigação que a existência de crianças impõe a toda sociedade humana? [...]. (Arendt, 2013, p. 234).

A crise na educação norte-americana não é uma especificidade daquele país ou um fenômeno momentâneo. Ela está relacionada com as questões centrais do século XX, de ordem problemática, tais como as guerras, os regimes políticos totalitários e ditatoriais, as políticas de extermínio de populações ou de grupos humanos específicos, e da crise da modernidade ocidental, escreve Arendt (2013). Não se circunscreve, portanto, à indagação se uma determinada criança ou jovem sabe ou não sabe ler e escrever, resolver equações matemáticas elementares. Desafia a pensar, a refletir, pelas oportunidades que se apresentam no seu contexto, se assim ela for tomada como tarefa republicana.

[...] É a oportunidade, proporcionada pelo próprio fato da crise – que dilacera fachadas e oblitera preconceitos –, de explorar e investigar a essência da questão em tudo aquilo que foi posto a nu, e a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo. O desaparecimento de preconceitos significa simplesmente que perdemos as respostas em que nos apoiávamos de ordinário sem querer perceber que originariamente elas constituíam respostas a questões. Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão. (Arendt, 2013, p. 223).



O fulcro da crise na educação consiste na centralidade do seu sentido, da sua essência, que é a natalidade. A atenção para com cada criança que chega ao mundo, pelo nascimento, e que necessita ser educada e potencializada para seu ingresso futuro no mundo dos adultos ou mundo comum. E é essa especificidade da educação que se encontra em crise.

A autora aponta para uma regra metodológica na sua análise e a apresentação da situação na educação do seu tempo. É a identificação e a caracterização da realidade educacional tal qual ela se apresenta e não como se gostaria que ela fosse e a exigência de reflexão acerca da situação em curso. É a exposição da essência da crise e de suas formas de manifestação, seja no contexto na modernidade, quanto as especificidades dos Estados Unidos da América.

Situada no contexto do século XVIII, mas iniciada anteriormente, a crise na educação na modernidade, derivou de um ideal de educação proposto por Rousseau, “[...] no qual a educação tornou-se um instrumento da política, e a própria atividade política foi concebida como uma forma de educação”, esclarece Arendt (2013, p. 225). Evidencia-se, nesta constatação, a necessária distinção entre as atividades políticas e educacionais, uma vez que “[...] a política, em sentido estrito da palavra é uma atividade na qual se relacionam (em posições de igualdade jurídica), apenas adultos, e a educação, por sua vez, é uma atividade na qual (em posição de desigualdade biológica, cultural e jurídica), adultos e crianças”, entende Garcia (2012, p. 73).

No entendimento de Arendt (2013, p. 225), está claro que a educação “[...] não pode desempenhar papel nenhum na política, pois na política lidamos com aqueles que já estão educados”. Esta proposição contrapõe-se à tarefa que é designada à educação escolar nas utopias políticas, independentemente de seu viés fundante ou *telos*. Recusa o caráter instrumental atribuídos às instituições escolares que seria o de doutrinar as novas gerações, lhes suprimindo o potencial transformador futuro (subjetivo e público), quando do seu ingresso ao mundo político.

A particularidade da crise na educação dos EUA, reporta-se ao temperamento político do país e, igualmente, aos pressupostos teóricos que sustentam as medidas para o enfrentamento desta crise. O temperamento político norte-americano intenta igualar ou suprimir tanto quanto possível as diferenças entre velhos e jovens, entre crianças e adultos, entre pouco dotados e os dotados intelectuais e, especialmente, entre professores e alunos. Essa crise educacional é



enfrentada, argumenta Arendt (2013), como proposições que, ao invés de superá-la contribuem para a sua continuidade e o seu aprofundamento, em razão dos seus pressupostos teóricos, pedagógicos e epistemológicos.

O primeiro pressuposto consiste na afirmação e na defesa da existência de um mundo da criança e de uma sociedade formada entre crianças, autônomos e, na medida do possível, governado pelos próprios infantes. Nesses mundos, os adultos se tornam meros auxiliares de um governo dessa natureza, retiram sua responsabilidade pela educação dos néscios, agradando as vontades daqueles. As crianças ficam entregues às suas próprias forças e vontades, emancipadas sem as necessárias condições emocionais e intelectuais e prevalece a vontade do grupo, sem a consideração da subjetividade. “Assim ao emancipar-se da autoridade dos adultos, a criança não foi libertada, e sim sujeita a uma autoridade muito mais terrível e verdadeiramente tirânica, que é a tirania da maioria.” (Arendt, 2013, p. 230-231).

O segundo pressuposto diz respeito ao ensino. A pedagogia, influenciada pela psicologia moderna e pelos princípios do pragmatismo, foi transformada em uma ciência do ensino em geral, desvinculada do conteúdo a ser ensinado, com um conjunto de desdobramentos na aprendizagem. O professor passou a ser considerado como alguém “[...] que pode simplesmente ensinar qualquer coisa; sua formação é no ensino, e não no domínio de qualquer assunto particular”, assinala Arendt (2013, p. 231). Junto à falta de conhecimento aprofundado do conteúdo a ser ensinado, também ocorreu um negligenciamento grave na formação docente na especificidade de cada componente curricular e ciência. Dado que, com essa lacuna de formação inicial e continuada, o docente apenas conhece alguma coisa a mais que os docentes, fato que “[...] não apenas os estudantes são efetivamente abandonados a seus próprios recursos, mas também que a fonte mais legítima da autoridade do professor, como a pessoa que, seja dada a isso a forma que se queira, sabe mais e pode fazer que nós mesmos, não é mais eficaz.” Na educação, é a responsabilidade pelo mundo comum que assume forma de autoridade, pois a “[...] autoridade do educador e as qualificações do professor não são a mesma coisa.” (Arendt, 2013, p. 239).

O terceiro pressuposto, correlacionado à pedagogia e à formação docente, é afeto à uma teoria moderna da aprendizagem, o pragmatismo. Conforme este referencial teórico, a centralidade desta práxis educativa consiste na substituição da aprendizagem pela ação, pois,



conforme este postulado teórico, os humanos somente conhecem e compreendem aquilo que realizam, praticam. O percurso metodológico do ensino, da pesquisa, do movimento da abstração conceitual, que possibilitam as múltiplas leituras e compreensões a partir de categorias conceituais, é substituído pelo desenvolvimento de habilidades práticas para a resolução de uma situação problema ou casos pontuais. A aprendizagem é reduzida à determinado caso estudado ou à uma prática realizada.

A partir do diagnóstico, elencam-se as suas proposições defendidas atinentes às tarefas da educação e da escola, sintonizadas com uma sociedade democrática e republicana. Proposição esta que evidencia um imenso paradoxo que é educar, isto é,

[...] tratar como um *plural* recém-chegado ao mundo e assegurar que esta introdução a um universo desconhecido e eventualmente destrutivo se faça com alguma segurança, renovando a promessa de que, mais tarde, o espaço público da ação e da palavra preserve sua condição de forjador da 'inovação'. O paradoxo é que isto terá que se dar num contexto histórico e cultural onde nossos passos não são mais guiados pela tradição e quando a 'autoridade' do professor (ou aquilo que restou dela) perdeu muito do prestígio que gozava na experiência escolar dita 'tradicional'. Nossa experiência com a tradição vive, segundo Arendt, uma situação lacunar entre estas duas ordens de tempo (passado e futuro) onde, [...], o passado não iluminando mais o presente, somos obrigados a avançar no escuro. (Brayner, 2008, p. 20-21).

A educação constitui uma das atividades mais relevantes e indispensáveis da sociedade humana. Ao passo que se renova constantemente com a chegada de novos seres humanos ela também vai sendo modificada nos seus percursos pedagógicos e dos conteúdos, uma vez que educação e ensino caminham lado a lado. Na afirmação de Arendt (2013), pelo percurso educativo é que se evidencia ou não o amor dos adultos pelo mundo existente, se há o compromisso pela inserção de cada nova geração ao mundo comum e pela potencialidade de sua renovação.

2 A CRISE SILENCIOSA DA EDUCAÇÃO

De acordo com Nussbaum (2019), a humanidade se encontra em contexto de crise de enormes proporções e de mudanças radicais, cujo alcance e dimensão são em escala global. Não se trata de uma crise de dimensão econômica, processo inerente ao modo de produção capitalista, ou da crise ambiental. Esta autora está apontando uma crise silenciosa, despercebida pela maioria das pessoas, cujos efeitos serão de longo prazo e prejudicial à democracia e à



justiça. “Estamos en medio de una crisis de proporciones masivas y grave importancia mundial. [...] me refiero a una crisis que pasa desapercibida, una crisis que probablemente sea, en largo plazo, incluso más perjudicial para el futuro del autogobierno democrático: una crisis mundial de la educación.” (Nussbaum, 2016, p. 14).

As mudanças nas políticas educacionais e em seus currículos, pensadas e instituídas em vários países, de diversos continentes, carecem de uma análise mais criteriosa e abrangente. Fundamentalmente em razão de seu direcionamento e vinculação com o objetivo de contribuir com o crescimento econômico. Os sistemas educacionais

[...] estão descartando, de forma imprudente, competências indispensáveis para manter viva a democracia. Se essa tendência prosseguir, todos os países logo estarão produzindo gerações de máquinas lucrativas, em vez de produzirem cidadãos íntegros que possam pensar por si próprios, criticar a tradição e entender o significado dos sofrimentos e das realizações dos outros. E disso que depende o futuro da democracia. (Nussbaum, 2019, p. 4).

Encontra-se em curso um processo de reducionismo de uma visão de desenvolvimento, o qual está centrado no crescimento econômico, cuja forma de mensuração é o PIB². O enfoque do desenvolvimento econômico tende a conceber a educação tão somente na perspectiva do negócio lucrativo, ou seja, uma mercadoria e/ou formação técnica para contribuir na produção de mercadorias. Reduzir, portanto, o desenvolvimento à dimensão econômica implica em reduzir as potencialidades humanas à uma única dimensão existencial.

Em conjunto aos investimentos públicos para o crescimento econômico do país, as políticas públicas na área da educação também foram sintonizadas com esse paradigma de desenvolvimento econômico. Considerava-se necessário e imprescindível formar indivíduos capazes de contribuir com o crescimento financeiro e afastar dos currículos os componentes curriculares e conteúdos tidos como inúteis. Priorizava-se o aperfeiçoamento das competências lucrativas e práticas em detrimento das ciências humanas e as artes, das competências e habilidades criativas, do raciocínio crítico e construtivo.

² As atividades econômicas que são contabilizadas para fins de composição do PIB são: a agropecuária: agricultura, pecuária e extrativismo vegetal; a indústria: transformação, extrativismo mineral, serviços industriais de utilidade pública, construção civil; os serviços: comércio, transportes, comunicação, serviços da administração pública, e outros mensuráveis economicamente. (Gastaldi, 2009).

IV SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

XXIV ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VI ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

15 A 17 DE JUNHO DE 2026

SALÃO DE ATOS - CAMPUS IJUÍ




Educação nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUI


UNIJUI
UNIVERSIDADE REGIONAL

[...] Consideradas pelos administradores públicos como enfeites inúteis, num movimento em que as nações precisam eliminar todos os elementos inúteis para se manterem competitivas no mercado global, elas estão perdendo rapidamente seu lugar nos currículos e, além disso, nas mentes e nos corações dos pais e dos filhos. De fato, o que poderíamos chamar de aspectos humanistas da ciência e das ciências humanas – o aspecto construtivo e criativo, e a perspectiva de um raciocínio crítico rigoroso – também está perdendo terreno, já que os países preferem correr atrás do lucro de curto prazo por meio do aperfeiçoamento das competências lucrativas e extremamente adequadas à geração de lucro. (Nussbaum, 2019, p. 4).

No diagnóstico da crise da educação, Nussbaum (2019) chama a atenção para um outro aspecto do reducionismo educacional em curso. Trata-se da dimensão ética presente nesta proposição educativa. Referendada no pensamento de Tagore e de Alcott, argumenta que ao se preocupar apenas com a dimensão econômica da existência humana, busca-se somente bens materiais que protegem, satisfazem e consolam. Por outro lado, fecha-se à aproximação com as demais pessoas, tornando-a um simples instrumento útil ou um obstáculo aos interesses e projetos individuais. Ou seja, está em curso um processo de supressão ou apagamento da capacidade de pensar, de imaginar, de criar, nas relações interpessoais. A vida em sociedade requer o reconhecimento mútuo, das capacidades de pensar e de sentir. Suprimindo estas capacidades, a democracia está em risco, visto que ela se “[...] baseia no respeito e na consideração, e estes, por sua vez, se baseiam na capacidade de perceber os outros como seres humanos, não como simples objetos”, argumenta Nussbaum (2019, p. 7). O enfoque do PIB não leva em consideração aspectos centrais que constituem a qualidade de vida, as diversas dimensões e necessidades da existência humana, tais como a saúde, a alimentação, a educação, a liberdade religiosa e política, a justiça ética, as questões de gênero, enfatiza Nussbaum (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Arendt a centralidade da crise na educação consiste na crise do sentido ou razão própria da educação, a saber, a natalidade, e nos pressupostos teóricos para a sua possível forma de superação. Ou seja, a necessidade da inserção de cada novo ser humano no mundo comum.

Na abordagem de Nussbaum, a crise silenciosa da educação consiste no direcionamento e vinculação da educação única e exclusivamente com o objetivo de contribuir com o crescimento econômico, auferido pelo PIB. Deixando-se, desta forma, de lado o desenvolvimento de um conjunto de outras habilidades e competências humanas, o desleixo



com as ciências humanas e o comprometimento com o futuro da democracia e das sociedades democráticas.

As duas autoras identificam um aspecto convergente na sua abordagem relativa à crise na educação contemporânea. Este aspecto refere-se às tentativas de atribuir um sentido pragmático e instrumental à educação. Para Arendt, este aspecto se identifica em transformar a educação a um mero saber fazer e ao aprender fazendo, produzindo humanos sem capacidade de análise e de compreensão do mundo comum. No entender de Nussbaum, o caráter pragmático situa-se nas intencionalidades de transformar o percurso educacional num instrumento para o crescimento econômico dos países, a superação da crise econômica, colocando em segundo plano a formação humana e o futuro da ordem democrática.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed., 1. reimp. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2013. Coleção debates, 64.

BRAYNER, Flávio Henrique Albert. **Educação e republicanismo**: experimentos arendtianos para uma educação melhor. Brasília: Liber Livro, 2008.

GASTALDI, José Petrelli. **Elementos de economia política**. 19. ed., 5. tir. São Paulo: Saraiva, 2009.

GARCIA, Claudio Boeira. Arendt: referências republicanas de *a crise na educação*. In: FÁVARO, Altair Alberto; CASAGRANDA, Edison Alencar (Orgs.). **Leituras sobre Hannah Arendt**: educação, filosofia e educação. Campinas: Mercado de Letras, 2012, p. 71-84. Série Educação geral, educação superior e formação continuada do educador.

NUSSBAUM, Martha Craven. **Fronteiras da justiça**: deficiência, nacionalidade, pertencimento à espécie. 2. tir. Tradução Susana de Castro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020. Coleção Biblioteca jurídica WMF.

NUSSBAUM, Martha Craven. **Sem fins lucrativos**: por que a democracia precisa das humanidades. 2. tir. Tradução Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

NUSSBAUM, Martha Craven. Educación para el lucro, educación para la libertad. **Revista Nómadas**, Bogotá, n. 44, p. 13-25, jan./jun. 2016. Disponível em: <
http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-75502016000100002>. Acesso em: 2 mai. 2025.